

Revisão sobre Características de Meninos e Meninas que Praticam *Bullying* Escolar

Victoria Maria Ribeiro Lembo¹, Manoel Antônio dos Santos², Manuella Cana Brasil Feijó¹,
André Luiz Monezi Andrade¹, Marcela Almeida Zequinão³, Wanderlei Abadio
de Oliveira¹

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

² Universidade de São Paulo (USP)

³ Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)

Submissão: 9 dez. 2021.

Aceite: 5 mar. 2023.

Editor de seção: Carlo Schmidt.


Nota dos Autores

Victoria Maria Ribeiro Lembo  <https://orcid.org/0000-0003-3052-9047>

Manoel Antônio dos Santos  <https://orcid.org/0000-0001-8214-7767>

Manuella Cana Brasil Feijó  <https://orcid.org/0000-0002-8338-3793>

André Luiz Monezi Andrade  <https://orcid.org/0000-0003-0111-8935>

Marcela Almeida Zequinão  <https://orcid.org/0000-0003-3570-5425>

Wanderlei Abadio de Oliveira  <https://orcid.org/0000-0002-3146-8197>

Financiamento: os autores agradecem à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela concessão de bolsa de iniciação científica a V.M.R. Lembo (processo 2022/09833-4). Agradecem também ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa de produtividade em pesquisa para M. A. Santos, A. L. M. Andrade e W. A. Oliveira.

Correspondências referentes a este artigo devem ser enviadas a Dr. Wanderlei Abadio de Oliveira, Av. John Boyd Dunlop, s/n., Jd. Ipaussurama, Campinas, SP, Brasil. CEP 13060-904. Email: wanderleio@hotmail.com

Resumo

O bullying escolar afeta a saúde e desenvolvimento de crianças e adolescentes. Este estudo objetivou descrever evidências sobre as características de meninos e meninas identificados como agressores(as) em situações de bullying. Trata-se de uma revisão da literatura que abarcou publicações entre 2015 e 2020, operacionalizada nas bases SciELO, Scopus, Web of Science e PsycINFO. Os dados foram extraídos de forma independente por dois revisores e submetidos à avaliação de qualidade metodológica. O corpus foi composto por 27 estudos primários. Verificou-se que meninos praticam mais bullying e estão mais engajados em agressões físicas. Meninas envolvem-se mais em violência do tipo verbal ou psicológica. Questões sociais/culturais são fatores consistentemente associados a tais diferenças. Sobre as consequências das agressões praticadas, agressores, independentemente do sexo, também podem apresentar problemas de saúde mental. Este estudo reúne evidências quantitativas sobre características de meninos e meninas que praticam bullying na escola. Diferenças/semelhanças devem ser consideradas em programas de intervenção antibullying.

Palavras-chave: violência, bullying, escolaridade, saúde do adolescente, revisão

REVIEW ON CHARACTERISTICS OF BOYS AND GIRLS WHO ARE BULLY IN SCHOOL

Abstract

Bullying at school affects the health and development of children and adolescents. This study aimed to describe evidence about the characteristics of boys and girls identified as bullies in bullying situations. This is a review with publications from 2015 to 2020, operationalized in SciELO, Scopus, Web of Science, and PsycINFO. Data were independently extracted by two reviewers and submitted to methodological quality assessment. The corpus was composed of 27 primary studies. It was found that boys do more bullying and are more engaged in physical aggression. Girls engage more in verbal or psychological type violence. Social/cultural issues are factors consistently associated with such differences. Regarding the consequences of the aggression perpetrated, bullies, regardless of gender, may also have mental health problems. This study gathers quantitative evidence on characteristics of boys and girls who engage in bullying at school. Differences/similarities should be considered in anti-bullying intervention programs.

Keywords: violence, bullying, schooling, adolescent health, review

REVISIÓN SOBRE CARACTERÍSTICAS DE NIÑOS Y NIÑAS QUE PRACTICAN ACOSO ESCOLAR

Resumen

El acoso afecta a la salud y el desarrollo de niños y adolescentes. Este estudio tenía como objetivo describir las características de los chicos y chicas identificados como agresores. Se trata de una revisión desarrollada entre 2015-2020 en las bases SciELO, Scopus, Web of Science y PsycINFO. Dos revisores extrajeron los datos y los sometieron a una evaluación de la calidad metodológica. La revisión incluyó 27 estudios primarios. Se descubrió que los chicos practican más el acoso y se dedican más a la agresión física. Las chicas ejercen más violencia de tipo verbal o psicológico. Las cuestiones sociales/culturales son factores que se asocian sistemáticamente a estas diferencias. En cuanto a las consecuencias de la agresión perpetrada, los agresores, independientemente del sexo, también pueden presentar problemas de salud mental. Este estudio reúne pruebas cuantitativas sobre las características de los chicos y chicas agresores. Los datos deben tenerse en cuenta en los programas de intervención.

Palabras clave: violencia, acoso escolar, escolaridad, salud del adolescente, revisión

O *bullying* é um tipo de violência caracterizado pelo desequilíbrio de poder, no qual agressões com diferentes formas de manifestação são dirigidas contínua e intencionalmente a uma pessoa ou grupo (Olweus, 2013). O fenômeno foi assim definido, de forma pioneira, pelo psicólogo Dan Olweus, a partir de estudos realizados em países nórdicos no final da década de 1960 (Limber et al., 2021). A prevalência da ocorrência do *bullying* varia entre os países, mas há consenso de que sua ocorrência seja em escala global (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, [UNESCO], 2019).

Estimativas recentes indicam que mais de 50% de estudantes praticam *bullying* em escolas da Nigéria (Umoke et al., 2020). Na Jordânia, em uma amostra nacional, 7.6% dos estudantes se declararam agressores em situações de *bullying* (Shahrour et al., 2020). Nesses dois estudos, os meninos eram os que mais praticavam *bullying* nas escolas. No Brasil, a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015 indicou que, numa amostra de 102.301 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, 19.8% referiram ter praticado *bullying* na escola, e entre os meninos essa prática foi admitida por 24.2% ante 15.6% entre as meninas (Silva et al., 2019). Recentemente, a quarta edição da PeNSE, com dados coletados em 2019, revelou uma queda na prevalência da prática de *bullying* entre estudantes brasileiros, de 20.4% para 12.0% (Malta et al., 2022). Outro estudo brasileiro conduzido com 815 adolescentes do Estado de São Paulo demonstrou que 65.14% dos meninos eram os agressores, enquanto 23,16% das meninas referiram já ter praticado tal violência (Garbin et al., 2016).

Esses dados indicam a gravidade do problema e sua distribuição desproporcional entre os sexos. Um aspecto claramente difundido na literatura científica é a maior prevalência absoluta do fenômeno com envolvimento dos meninos na sua prática (Shahrour et al., 2020; Umoke et al., 2020). Além da prevalência maior de meninos agressores, já está documentado que a forma de manifestação da violência entre pares possui dinâmica diferente entre os sexos. Por um lado, os meninos manifestam mais agressões diretas (ameaças, xingamentos, bater, chutar, entre outras) e, por outro, as meninas praticam mais o *bullying* indireto ou social, como espalhar boatos de cunho pejorativo e de exclusão social (Rose, Nickerson & Stormont, 2015).

Sobre essas diferenças entre os sexos, a Unesco (2019) publicou um relatório contemplando a situação mundial em relação à violência escolar e o *bullying* sugerindo que as escolas podem exercer algum papel em sua manutenção. Algumas escolas, por exemplo, em vez de ensinar comportamentos empáticos e preceitos de igualdade entre homens e mulheres, muitas vezes caminham no sentido inverso, reforçando os estereótipos de gênero e estimulando a desigualdade e a discriminação entre meninas e meninos, por exemplo, ao oferecerem cartilhas com conteúdos que pregam ou reforçam a naturalização dessas diferenças. Em parte, isso explica por que meninos apresentam maior tendência para agressividade em relação às meninas, pois desde cedo eles recebem incentivo, seja da escola, família ou sociedade em geral, para adoção de comportamentos agressivos que reforçam positivamente sua masculinidade. Contudo, independentemente dessas diferenças, uma extensa gama de estudos sobre o tema já revelou os prejuízos à saúde e ao desenvolvimento de todos os envolvidos nesse tipo de violência. Os estudantes

identificados como agressores também podem ficar suscetíveis a apresentar comportamentos de risco com o decorrer do tempo (Silva et al., 2016).

Por sua magnitude e consequências deletérias, o *bullying* é considerado um problema de saúde pública, e o desenvolvimento de programas e intervenções efetivas deve levar em conta as características dos diferentes atores envolvidos em sua dinâmica como vítimas, agressores e/ou observadores (Unesco, 2019). As intervenções também devem considerar as questões relacionadas às diferenças observadas entre os sexos, pois, comprovadamente, as vivências de meninos e meninas são heterogêneas e diversificadas. Entretanto, inexistem estudos de revisão que contemplem especificamente essa questão. Mapear o estado da arte permite conhecer as lacunas da literatura e nortear o delineamento de estudos futuros. Particularmente, esse estudo também avança na medida em que sintetiza evidências científicas que já foram problematizadas por trabalhos teóricos, como o realizado por Rose, Nickerson e Stormont (2015).

Diante desse cenário, este estudo teve como objetivo descrever evidências sobre as características de meninos e meninas identificados como agressores em situações de *bullying*.

Método

Para responder ao objetivo proposto, foi desenvolvida uma revisão da literatura a partir das seguintes etapas: identificação do tema e elaboração da pergunta norteadora; pesquisa nas fontes consultadas; seleção e avaliação dos estudos; análise dos dados; apresentação dos resultados. Uma revisão seguindo sistematicamente essas etapas permite refinar temas ou problemas de pesquisa, examinando de forma descritiva questões sociais ou de saúde para subsidiar decisões políticas de gestão ou adoção de práticas profissionais (Silva, et al., 2020). As diretrizes Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) orientaram a operacionalização e apresentação dos resultados da revisão.

A questão norteadora da revisão foi: quais são as diferenças entre meninos e meninas que praticam *bullying* na escola relatadas em estudos com delineamento quantitativo? Tal pergunta de pesquisa foi construída a partir da aplicação da estratégia SPIDER, que contempla os seguintes elementos: *Sample* (amostra/participantes); *Phenomenon of Interest* (fenômeno de interesse); *Design* (desenho do estudo); *Evaluation* (avaliações/resultados); *Research type* (tipo de pesquisa). No presente estudo: S = meninos e meninas em idade escolar; PI = prática do *bullying*; D = estudos com metodologia ou dados quantitativos; E = diferenças entre os sexos; R = estudos quantitativos primários.

A revisão abrangeu o período entre 2015 e 2020. Na busca, consultaram-se as seguintes bases: SciELO, Scopus, Web of Science e PsycINFO. Dada a amplitude da questão norteadora do estudo e as particularidades de cada base, foram necessárias adaptações na operacionalização das buscas em cada uma. Especificamente no SciELO não foram inseridos muitos descritores para a busca: “*bullying*” AND “*bullying at school*” AND *language* inglês OR português OR espanhol. Na Scopus e PsycINFO, os descritores e limitadores utilizados foram: “*bullying*” AND “*aggressor*” OR “*attacker*” OR “*assaulter*” OR “*bullie*”. Na Web of Science, a busca foi operacionalizada com os

descritores: “bullying” AND “aggressor” OR “attacker” OR “assaulter” OR “bullie”. A pesquisa foi realizada no mês de dezembro 2020.

Na primeira etapa de seleção dos artigos, foram lidos todos os títulos e resumos encontrados em cada fonte consultada considerando os seguintes critérios de inclusão: i) texto do tipo artigo publicado em periódico científico; (ii) limitado ao período 2015–2020; (iii) disponível em português, inglês ou espanhol; (iv) relacionado à prática do bullying. Foram excluídos textos como editoriais, cartas, comentários e artigos de revisão, mistos ou qualitativos, estudos que não remetiam à questão norteadora da revisão ou que contaram com participação de adultos ou que se referiam ao *bullying* em outros contextos. Esse processo foi realizado, independentemente, por duas pesquisadoras (VMRL e MCBF).

Após essa etapa, os artigos selecionados foram avaliados em sua integralidade. Nesse momento, excluíram-se estudos não aderentes à questão norteadora e que não atendiam aos critérios de inclusão descritos. Também foram excluídos textos de autoria do pesquisador responsável (WAO) pela revisão, que coordenou, acompanhou e validou as decisões tomadas no processo de avaliação e definição do *corpus* pelas duas revisoras.

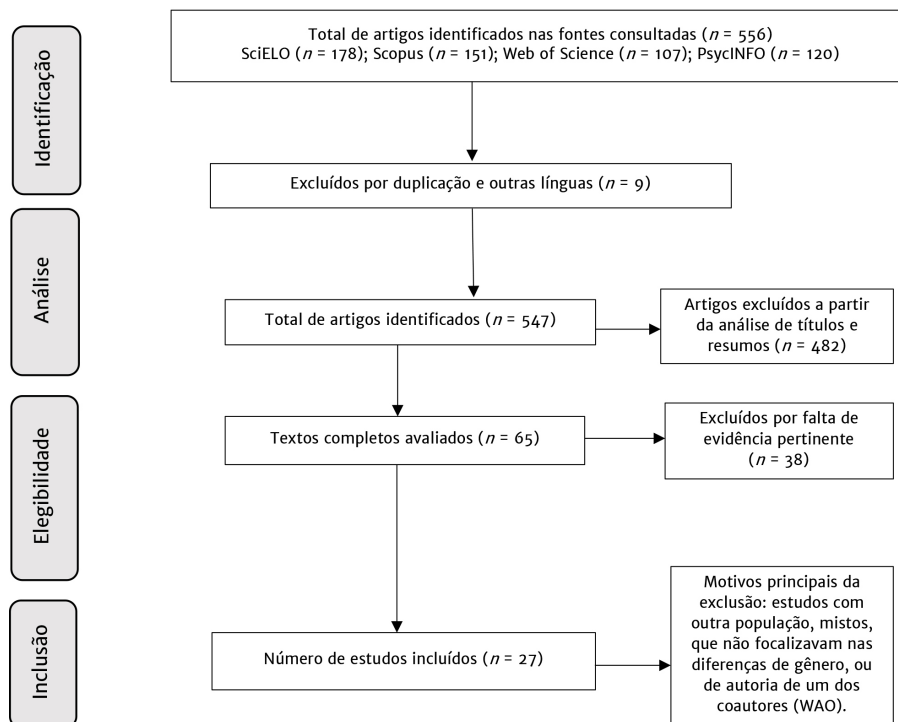
Para delinear as diferenças de experiência entre meninos e meninas que praticam *bullying* nas escolas, construiu-se um quadro sinóptico, que permitiu a análise descritiva e comparativa dos dados. Os resultados dos estudos também foram sintetizados e apresentados em três categorias: 1. *Análise metateórica*: apresenta os dados bibliométricos e destaca as teorias ou conceitos utilizados nos estudos; 2. *Análise metamétodo*: inclui informações sobre procedimentos utilizados e o resultado da avaliação da qualidade metodológica dos estudos revisados; 3. *Metassíntese*: reúne os dados que respondem ao objetivo proposto nesta revisão. Para a avaliação da qualidade metodológica dos estudos incluídos, foi utilizado o *JBI Critical Appraisal Checklist for Analytical Cross Sectional Studies*, que é composto por oito questões (Moola et al., 2017). As perguntas são respondidas do seguinte modo: Sim; Não; Não aplicável; Indefinido, e ao final da aplicação do instrumento os artigos podem ser classificados em três níveis: 1. alto nível de qualidade metodológica e baixo risco de viés (7 ou 8 pontos); 2. moderada qualidade metodológica e risco de viés (entre 5 e 7 pontos); 3. baixa qualidade metodológica e alto risco de viés (abaixo de 5 pontos).

Resultados

A pesquisa nas fontes consultadas resultou em 547 produtos que foram objeto da primeira etapa de seleção (leitura de títulos e resumos). Nesse momento, foram excluídos 482 artigos. Em seguida, a partir da avaliação dos textos completos recuperados, excluíram-se 38 artigos e o *corpus* final da revisão ficou composto por 27 estudos que atenderam aos critérios de inclusão definidos. Todo o processo de pesquisa encontra-se detalhado no fluxograma apresentado na Figura 1.

Figura 1

Diagrama de fluxo do processo de busca e seleção dos artigos da revisão sistemática, seguindo as diretrizes PRISMA.



Categoria 1: Análise metateórica

O Brasil foi cenário da maioria das pesquisas incluídas ($n = 11$), seguido por Espanha ($n = 6$), Portugal ($n = 4$), Colômbia e México ($n = 2$, cada), Albânia, Estados Unidos, Suécia e Nigéria ($n = 1$, cada). Ressalta-se, contudo, que o número de publicações brasileiras encontradas não significa que o país produza mais sobre o tema, mas que nos títulos e resumos dos estudos brasileiros estavam claramente explicitadas as variáveis de interesse dessa revisão. Em relação ao ano de publicação dos artigos revisados, 2019 e 2017 foram os anos com maior frequência ($n = 11$). Quanto à área de atuação dos autores dos artigos, destacaram-se psicologia, psiquiatria e enfermagem, ao lado de educação, porém nem todos os textos indicavam a formação dos autores. Artigos com informações detalhadas revelaram que a maioria dos autores eram mestres ou doutores. Alguns pesquisadores foram autores de mais de um dos artigos selecionados. Na Tabela 1, são apresentados os principais dados bibliométricos dos artigos incluídos no *corpus* da revisão. Nessa tabela, também são destacados os principais resultados dos estudos e que serão explorados a seguir.

Tabela 1

Principais características dos artigos revisados e resultados destacados.

Referência	País; amostra; faixa etária	Resultados destacados
Akanni et al., 2020	Nigéria; n = 465; 16-19 anos	Os meninos referem praticar duas vezes mais <i>bullying</i> do que as meninas. Padrões culturais podem explicar essa diferença.
Bjärehed et al., 2020	Suécia; n = 317; 10-15 anos	Os meninos apresentam níveis mais elevados de uso dos mecanismos de DM.
Garcés-Prettel, Santoya-Montes, & Jiménez-Osorio, 2020	Colômbia; n = 1.082; 14-18 anos	Os meninos praticam mais <i>bullying</i> , por outro lado as meninas relataram receber mais ofensas dos pais e ter baixos níveis de comunicação com professores.
Zequinão et al., 2020	Brasil; n = 409; 8-16 anos	Meninos foram mais lembrados, tanto positivamente quanto negativamente, pelos colegas e apresentaram prestígio social mais elevado.
Reisen, Viana, & Santos-Neto, 2019	Brasil; n = 2.293; idade média 16,42 anos	Os meninos são mais envolvidos nas dinâmicas de <i>bullying</i> como agressores.
Dervishi, Lala, & Ibrahimi, 2019	Albânia; n = 284; 13-18 anos	Tanto meninos quanto meninas apresentam predisposição para desenvolver depressão (como agressor ou vítima). As meninas têm maior predisposição para problemas emocionais.
Dias, Rocha, & Mota, 2019	Portugal; n = 351; 12-17 anos	Os meninos tendem a exibir mais comportamento agressivo, mas o sexo não moderou esses resultados quando as análises foram ajustadas.
Romera et al. 2019b	Espanha; n = 1.150; 6-11 anos	As meninas culpam agressores e vítimas pelas agressões, ao passo que os meninos culpabilizam apenas as vítimas. Quando agressoras, as meninas sentem mais culpa e os meninos manifestam indiferença e orgulho.
Romera et al., 2019a	Espanha; n = 1.339; 9-15 anos	Em comparação com as meninas, os meninos obtiveram alto nível de popularidade em classes com ou sem políticas <i>antibullying</i> .
Silva-Rocha et al., 2019	Portugal; n = 2.623; 11-16 anos	Os meninos tendem a exercer mais o papel de agressor (violência física, principalmente). Meninas usam mais violência verbal ou indireta; para aquelas que vivem sem os pais o risco é aumentado.
Bosa et al., 2018	Colômbia; n = 354; 12-18 anos	Estatisticamente, os meninos são mais suscetíveis a praticar o <i>bullying</i> . Os meninos estão mais envolvidos no <i>bullying</i> direto e as meninas no tipo indireto.
Estévez, Jiménez, & Moreno, 2018	Espanha; n = 1.510; 12-17 anos	Ambos os sexos apresentam traços depressivos, estresse, solidão, baixa autoestima, baixa satisfação com a vida e baixa empatia, além de fraco engajamento escolar e avaliação ruim do clima familiar e escolar. As meninas identificadas como agressoras têm comportamento pior em relação à escola e professores.
Machimbarrena & Garaigordobil, 2018	Espanha; n = 1.993; 9-13 anos	Não foram identificadas diferenças significativas entre os sexos, mas os meninos referem praticar mais agressões físicas, psicológicas e verbais.
Marcolino et al., 2018	Brasil; n = 678; 10-14 anos	8,4% dos participantes afirmaram praticar <i>bullying</i> na escola e os meninos em maior quantidade. Os alunos que fumam são 0,4 vezes mais propensos a praticar <i>bullying</i> e os que usam álcool são 0,28 vezes mais propensos.
Aguíar & Barrera, 2017	Brasil; n = 76; 10-15 anos	Na escola pública o tipo de agressão recorrente é a física, e os agressores, em sua maioria, são meninos. Na escola privada as agressões são mais verbais e indiretas, e não foram encontradas diferenças entre os sexos.

Tabela 1

Principais características dos artigos revisados e resultados destacados.

Referência	País; amostra; faixa etária	Resultados destacados
González, 2017	México; n = 557; 8-16 anos	A variável sexo se revelou independente do <i>bullying</i> .
Monteiro et al., 2017	Brasil; n = 300; 8-17 anos	Valores humanos (principalmente, a subfunção interativa) podem prever o comportamento de <i>bullying</i> . O sexo e a idade dos participantes não se mostraram estatisticamente significantes – e, portanto, relevantes – para serem moderadores dessa relação.
Rosário, Candéias, & Melo, 2017	Portugal; n = 80; idade média de 12,65 anos	Meninos praticam mais <i>bullying</i> do que as meninas, principalmente do tipo físico.
Silva & Costa, 2017	Brasil; n = 5.300; idades não informadas	Os meninos praticavam mais <i>bullying</i> . Padrões socioeconômicos mais elevados e mães com maior escolaridade estavam mais envolvidos nessa prática.
Silva et al., 2017	Brasil; n = 156; 11-16 anos	Não se encontrou nenhuma diferença estatisticamente significativa, contudo foi identificado que as meninas praticam mais o <i>bullying</i> indireto, ao passo que os meninos praticam mais o <i>bullying</i> direto. Baixo desempenho escolar negativo foi associado à prática.
Donoghue & Raia-Hawrylak, 2016	EUA; n = 810; idades não informadas	Os meninos praticam mais <i>bullying</i> do que as meninas, principalmente o tipo físico. As meninas apresentam mais o <i>bullying</i> social.
Queirós & Vagos, 2016	Portugal; n = 1.320; 10-18 anos	Os meninos tendem a ser mais agressivos e as meninas tendem a exibir mais comportamentos pró-sociais.
Vega López & González Pérez, 2016	México; n = 1.706; 11-15 anos	Os meninos praticam duas vezes mais <i>bullying</i> do que as meninas; devem ser ressaltados os padrões socioculturais.
Zequinão et al., 2016	Brasil; n = 409; 8-16 anos	Os meninos praticavam mais <i>bullying</i> do que as meninas. Eles praticavam mais o tipo físico e elas, mais o verbal ou social.
Fernández, Félix, & Ortega Ruiz, 2015	Espanha; n = 15 professores; idades não informadas	Os meninos foram mais identificados como agressores. Os resultados indicaram que tanto baixa quanto alta autoestima são fatores de risco para os agressores.
León-Del-Barco et al., 2015	Espanha; n = 700 estudantes; idade média 13,98 anos	Os agressores são os que mais referem viver rejeição e críticas dos pais, em especial os meninos, que também estão mais envolvidos como agressores.
Serra-Negra et al., 2015	Brasil; n = 366; 13-15 anos	Os meninos praticam mais o <i>bullying</i> verbal; os agressores apresentam um nível de baixa satisfação pessoal e são de classes econômicas mais abastadas.

Notas: n = número de estudantes participantes das pesquisas.

De modo geral, os estudos adotaram a definição clássica de *bullying* proposta por Dan Olweus (2013). Contudo, conforme o objetivo de cada pesquisa, houve variação nas abordagens teóricas utilizadas, destacando-se: Teoria da Aprendizagem Social, Teoria do Controle Social e Teoria Social Cognitiva. Uma leitura mais acurada evidenciou que poucos artigos utilizaram de fato teorias para analisar os resultados apresentados e o foco, muitas vezes, recaiu no diagnóstico do problema em comparação com os resultados obtidos por outras pesquisas. Além disso, as investigações que abordaram as agressões verbais caracterizaram esse tipo de violência, basicamente, como xingamentos, apelidos de caráter pejorativo e ameaças, sendo esse tipo de manifestação do fenômeno mais prevalente em meninos.

Categoria 2: Análise metamétodo

A partir da análise metamétodo foi possível verificar que os dados das pesquisas foram coletados por meio da aplicação de instrumentos do tipo autorrelato, como questionários ou escalas, preenchidos por estudantes do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio. As amostras foram coletadas por conveniência, predominantemente, e de forma não probabilística. A maioria dos artigos utilizou *softwares* para operacionalizar a análise estatística, sendo o *Statistical Package for the Social Science (SPSS)*, em diferentes versões, o mais utilizado. As análises envolveram diversos tipos de tratamento, como cálculos do teste qui-quadrado, ANOVA, regressão logística, análises bivariadas e multivariadas.

Os resultados da avaliação da qualidade metodológica dos estudos se encontram sistematizados na Tabela 2. Na avaliação do rigor metodológico, dois artigos foram considerados como de alto nível de qualidade metodológica e baixo risco de viés (Bjärehed et al., 2020; Queirós & Vagos, 2016). Os demais estudos revisados foram avaliados com moderada qualidade metodológica e moderado risco de viés.

Tabela 2*Resultados da avaliação de qualidade metodológica.*

Referência	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q6	Q7	Q8	Total
Akanni et al., 2020	X	X	X				X	X	5
Bjärehed et al., 2020	X	X	X	X	X	X	X	X	8
Garcés-Prettel et al., 2020		X	X	X			X	X	5
Zequinão et al., 2020		X	X	X			X	X	5
Dervishi et al., 2019		X	X	X			X	X	5
Dias et al., 2019	X	X	X	X			X	X	6
Reisen, Viana, & Santos-Neto, 2019	X	X	X	X			X	X	6
Romera, Bravo et al., 2019	X	X	X	X			X	X	6
Romera, Ortega-Ruiz et al., 2019		X	X	X			X	X	5
Silva-Rocha et al., 2019	X	X	X	X			X	X	6
Bosa et al., 2018		X	X	X			X	X	5
Estévez, Jiménez, & Moreno, 2018		X	X	X			X	X	5
Machimbarrena & Garaigordobil, 2018		X	X	X			X	X	5
Marcolino et al., 2018	X	X	X	X			X	X	6
Aguir & Barrera, 2017		X	X	X			X	X	5
González, 2017	X	X	X	X			X	X	6
Montiero et al., 2017		X	X	X			X	X	5
Rosário, Candeias, & Melo, 2017		X	X	X			X	X	5
Silva & Costa, 2017		X	X	X			X	X	5
Silva et al., 2017	X	X	X	X			X	X	6
Donoghue & Raia-Hawrylak, 2016		X	X	X			X	X	5
Pérez & López, 2016	X	X	X	X			X	X	6
Queirós & Vagos, 2016		X	X	X	X	X	X	X	7
Zequinão et al., 2016		X	X	X			X	X	5
Fernandez et al., 2015		X	X	X			X	X	5
León-Del-Barco et al., 2015		X	X	X			X	X	5
Serra-Negra et al., 2015		X	X	X			X	X	5

Nota: Q1 = Os critérios de inclusão da amostra foram claramente definidos? Q2 = Os sujeitos do estudo e o ambiente foram descritos em detalhes? Q3 = Foi apresentada de forma válida e confiável as variáveis mensuradas? Q4 = Foram usados critérios objetivos e padronizados para mensurar condições/fenômenos? Q5 = Foram identificados fatores de confusão? Q6 = Foram estabelecidas estratégias para lidar com fatores de confusão? Q7 = Os resultados foram medidos de forma válida e confiável? Q8 = Foi usada análise estatística apropriada?

Observa-se que os maiores problemas identificados, em termos metodológicos, referem-se à falta de informação sobre fatores de confusão (aqueles que podem distorcer associações reais entre uma exposição e um desfecho) e seu manejo nos estudos. Não informar os critérios de inclusão das amostras de forma clara também foi aspecto verificado em algumas

produções. Essas foram as principais fragilidades metodológicas identificadas a partir da análise de qualidade metodológica dos estudos revisados, mas outros aspectos foram referidos pelos autores como limitações ou pontos fracos das investigações. Nesse sentido, destacam-se limitações relacionadas à natureza da maioria dos estudos (transversal), à coleta de dados por meio de autorrelatos, o que aumenta o risco de manifestação da deseabilidade social e ao tamanho das amostras.

Categoria 3: Metassíntese

Todos os estudos selecionados demonstram, em algum nível, diferenças entre os sexos na prática do *bullying* escolar. Sobre dados de prevalência, os estudos são unânimes ao mostram que meninos são os que mais desempenham o papel de agressor na dinâmica do fenômeno (Bosa et al., 2018; León-del-Barco et al., 2015; Silva-Rocha et al., 2019; Zequinão et al., 2016). Em alguns estudos, a magnitude da diferença é, aproximadamente, duas vezes maior em relação às meninas (Akanni et al., 2020; Vega López & González Pérez, 2016). Reforça-se que os principais resultados dos artigos revisados estão sintetizados na Tabela 1, apresentada anteriormente.

Sobre as formas de manifestação, os meninos praticavam mais o *bullying* do tipo direto (físico ou verbal) e as meninas, mais do tipo indireto (exclusão social, espalhar rumores, boatos, entre outros) [Bosa et al., 2018; Silva et al., 2017]. Agressões físicas são as mais praticadas pelos meninos (Donoghue & Raia-Hawrylak, 2016; Silva-Rocha et al., 2019; Zequinão et al., 2016). Apenas um estudo verificou que os meninos praticam mais o *bullying* verbal (Serra-Negra et al., 2015), contudo, esse tipo de violência é, tipicamente, mais verificado entre as meninas segundo a literatura.

De maneira geral, os achados indicam que os agressores de ambos os sexos apresentam traços depressivos, estresse, solidão, baixa autoestima e, de maneira positiva, mais satisfação com a vida (Estévez et al., 2018). Meninas e meninos estão predispostos a desenvolver depressão com os comportamentos de *bullying*, porém são elas que apresentavam maior chance de terem problemas emocionais como anedonia e baixa autoestima (Dervishi, Lala & Ibrahim, 2019). Em contrapartida, no estudo de Fernández, Félix e Ortega Ruiz (2015), ter boa ou baixa autoestima foi fator de risco para comportamento de *bullying*, pois os agressores apresentariam traços de personalidade instável. Sob outra perspectiva de análise, os meninos tendiam a exibir comportamentos mais agressivos (Dias et al., 2019; Queirós & Vagos, 2016), enquanto as meninas exibiam mais comportamentos pró-sociais (Queirós & Vagos, 2016). Essa diferença pode representar um fator de proteção em relação a ser um agressor e, além disso, as meninas tendiam a valorizar mais a proximidade e intimidade nos relacionamentos interpessoais (Queirós & Vagos, 2016).

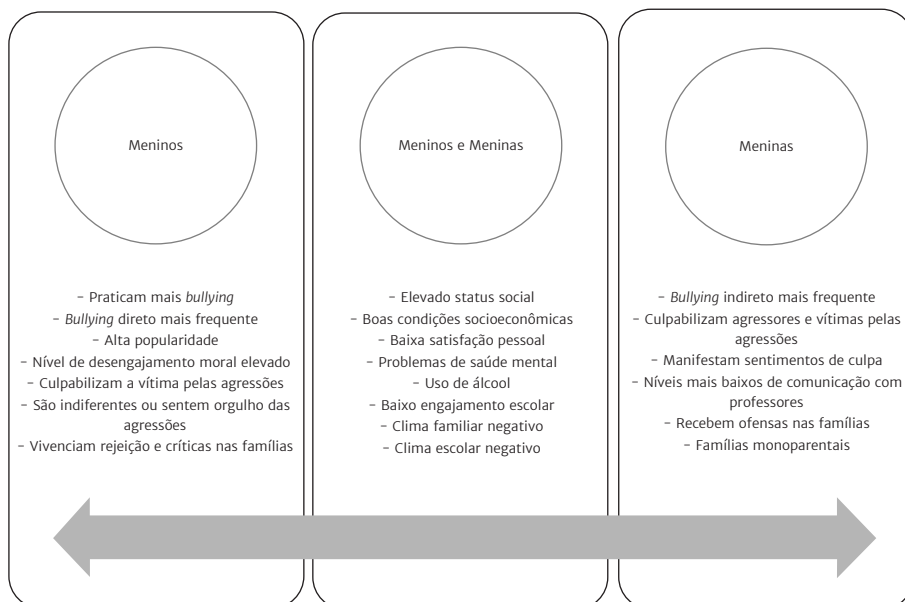
Os agressores avaliaram o ambiente escolar como negativo e apresentavam baixo desempenho nos estudos (Estévez et al., 2018; Silva et al., 2017). Todavia, a despeito disso, eles desfrutavam de um *status* social mais elevado, eram mais escolhidos para os times nas aulas de educação física e menos para as atividades desenvolvidas em classe, por exemplo (Zequinão et al., 2020). Em especial, a popularidade dos meninos era maior, tanto nas salas que adotavam

políticas *antibullying* quanto nas salas sem essas políticas (Romera et al., 2019a). Já as meninas, quando identificadas como agressoras, apresentavam baixo envolvimento com as atividades escolares e tinham níveis de comunicação mais empobrecidos com os professores do que os meninos (Estévez et al., 2018; Garcés-Prettel et al., 2020). É interessante ressaltar que, entre os meninos provenientes de escolas públicas, havia mais relatos de prática do *bullying*, assim como de casos de agressão física. Nas escolas particulares, diferenças de sexo ainda não foram observadas e os tipos de violência mais comuns nesse contexto de ensino da iniciativa privada eram verbal e indireto (Aguilar & Barrera, 2017).

Sobre o ambiente familiar, verificou-se que os agressores também o consideravam negativo, marcado por vivências de rejeição e críticas por parte dos pais/responsáveis (Estévez et al., 2018; León-del-Barco et al., 2015). Os meninos agressores relatavam ser mais criticados pelos pais (León-del-Barco et al., 2015) e as meninas referiam receber mais ofensas dos pais (Garcés-Prettel et al., 2020). Além disso, as meninas que vivem sem nenhum dos pais tendiam a ser mais identificadas como agressoras quando comparadas com outras meninas (Silva-Rocha et al., 2019). Os meninos também apresentaram escores mais altos em medidas de desengajamento moral (Bjärehed et al., 2020). Já no que concerne à expressão de sentimentos, as meninas, quando agressoras, apresentavam mais sentimento de culpa e os meninos referiam mais indiferença e até orgulho (Romera et al., 2019b). Na Figura 2, estão sintetizados os principais achados que respondem à questão norteadora e ao objetivo desta revisão.

Figura 2

Síntese das principais características dos meninos e meninas que praticaram bullying na escola.



Discussão

A abordagem quantitativa privilegiada pelos estudos revisados permitiu apreender e estimar as magnitudes de algumas variáveis complexas de níveis individual e contextual que podem influenciar o *bullying* escolar. O sexo masculino foi mais associado à prática das agressões. Os meninos também praticavam mais *bullying* do tipo físico, enquanto as meninas utilizavam estratégias de violência mais sutis ou indiretas, recorrendo a comportamentos internalizantes. Fatores familiares como vivências reiteradas ou testemunho de violência em casa, comunicação negativa entre membros e aspectos estruturais também foram relacionados ao envolvimento com o fenômeno. Ao mesmo tempo que agressores e agressoras apresentam bons resultados de ajustamento social, percebe-se que a prática do *bullying* representa fator de risco para comportamentos deletérios à saúde. Desse modo, ao contrário do que supõe o senso comum, o *bullying* está associado a prejuízos no processo adaptativo tanto para quem é vítima quanto para quem o pratica.

A agressividade dos meninos, revelada pelo maior engajamento na prática do *bullying* e pela preferência por comportamentos externalizantes, é documentada na literatura desde os estudos pioneiros sobre o fenômeno. Nota-se uma tendência em atribuir a maior propensão ao comportamento violento nos homens a aspectos biológicos, podendo também ser previamente explicada por características cognitivas. Cognitiones e emoções negativas são rotineiramente associadas à violência masculina, mas também já se verificou que cognitiones positivas como otimismo e autoconfiança também podem aumentar a chance de emissão de comportamentos agressivos (Cabral et al., 2020). Esse aspecto pode explicar por que a popularidade, característica positiva, é avaliada como elevada entre agressores (Guy et al., 2019).

Contudo, entende-se que, culturalmente, as meninas aprendem no decorrer de seu processo de socialização comportamentos empáticos, de cuidado e carinho para com os outros, enquanto os meninos são ensinados a ser dominantes, demonstrar força ou superioridade física e, muitas vezes, a utilizar até mesmo da violência para alcançar esse fim, o que pode se tornar um fator de risco para o *bullying* escolar (Espinosa et al., 2021). As meninas agressoras também apresentam maior tendência a desenvolver sentimentos de tristeza, vergonha e desmotivação (Sampaio et al., 2015). As características das meninas, então, pressupõem maior possibilidade de angariarem simpatia, apoio social e ajuda, principalmente no contexto familiar (Zequinão et al., 2020). Contudo, nesta revisão, verificou-se que as meninas também enfrentam ambientes familiares conflituosos ou negativos, aspecto que pode arrefecer a sensação de segurança e amparo. As diferenças entre meninos e meninas também estão relacionadas às raízes socioculturais, pois os comportamentos violentos exercidos preferencialmente pelos meninos são tradicionalmente reforçados, enquanto ao feminino são atribuídas expectativas de sensibilidade, controle das emoções e fuga dos conflitos (Silva et al., 2013).

Entretanto, embora a literatura científica já tenha documentado as diferenças entre meninos e meninas na prática do *bullying*, a revisão em tela revelou alguns resultados comuns entre os sexos. Nesse sentido, considerando-se a possibilidade dos meninos, na atualidade, usarem

mais *bullying* social ou digital para intimidar os colegas, e as meninas emitirem comportamentos físicos agressivos com mais frequência do que no passado, revela-se a importância de estudos que contemplem essas mudanças. Hipotetiza-se, considerando teorias sociais e críticas, que mudanças dramáticas estão ocorrendo na vivência do gênero ou da identidade de gênero na adolescência e impactando na maneira como a violência se (re)produz. Esse aspecto deve ser considerado em pesquisas futuras sobre o *bullying* e podem ter como objetivo confirmar essa hipótese, por exemplo.

No que concerne ao ambiente escolar referido como negativo por meninos e meninas, observa-se que em escolas com clima escolar favorável há menores índices de ocorrência de *bullying* (Hultin et al., 2021). Nessa revisão, as meninas apresentaram comportamentos mais prejudiciais em relação à escola que os meninos. É como se os estudantes não pudessem confiar na instituição educacional para lhes garantir um ambiente de segurança. Uma interpretação possível para esse dado refere-se à possibilidade de os estudantes exibirem comportamentos agressivos reativos, isto é, como mecanismo de defesa contra o ambiente percebido como hostil e não provedor de satisfação para suas necessidades. Entretanto, verificou-se um grande número de meninas vivendo em famílias sem a presença de, pelo menos, uma das figuras parentais. Esse aspecto deve ser observado em investigações futuras sobre a prática de *bullying* por meninas, principalmente considerando a realidade brasileira e a multiplicidade de arranjos familiares existentes no país.

Em outra direção, os estudos mostram que, embora o *bullying* ocorra no ambiente escolar, variáveis familiares estão associadas ao fenômeno. Uma investigação revelou que famílias disfuncionais e com características negativas na comunicação e no clima conjugal podem aumentar a probabilidade de os estudantes praticarem *bullying* nas escolas. Famílias instáveis e fragilizadas por conflitos interpessoais também se afiguram como fator de risco para o desenvolvimento de comportamentos agressivos na escola, o que também é congruente com a literatura (Kretschmer et al., 2017). Nessa revisão, foi possível evidenciar que, tanto para meninos quanto para meninas identificados(as) como agressores(as) em situações de *bullying*, o clima familiar era predominantemente negativo. Esses achados sugerem que o planejamento de iniciativas de intervenção deve também incluir as famílias para melhorar as habilidades de comunicação e aplicação de disciplina, de modo a contribuir para o fortalecimento de vínculos saudáveis e diálogo respeitoso no clima familiar.

Em relação às consequências da prática do *bullying*, essa revisão amplia o olhar sobre a questão, pois são difundidas com maior ênfase e frequência os impactos para as vítimas. Nesse sentido, um estudo que contou com a participação de 456 adolescentes turcos revelou que o grupo de estudantes identificados como agressores também relatou diminuição do bem-estar subjetivo, maior emotividade e problemas comportamentais dentro e fora da escola. Além disso, estudantes que praticam o *bullying* podem se envolver em situações de violências em outros momentos do ciclo vital (Silva et al., 2016), o que denota a dimensão profilática de se intervir precocemente nas situações de *bullying*.

As evidências encontradas têm implicações práticas que precisam ser destacadas e ponderadas. É importante compreender a prática do *bullying* como fenômeno multifacetado e que ser do sexo masculino ou feminino pode exercer efeitos moduladores para a emissão ou não de comportamentos agressivos entre estudantes. Em nível individual, escolas e profissionais que atuam nos processos de ensino-aprendizagem podem utilizar os achados deste estudo para trabalharem com os meninos o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia e solidariedade. Em relação às meninas, é importante valorizar seus sentimentos e favorecer o desenvolvimento do senso de pertencimento à comunidade escolar. As questões de saúde mental dos agressores também devem ser consideradas nessas iniciativas de intervenção de nível individual. Na dimensão contextual, famílias devem ser orientadas para a prática de comunicação não violenta e apoiadas por programas específicos que contribuam para a construção de vínculos que incrementem o bem-estar subjetivo dos estudantes de ambos os sexos.

Considerações finais

O *bullying* escolar é um tipo específico de violência que impacta a saúde e o desenvolvimento emocional e cognitivo de crianças e adolescentes em idade escolar. Os agressores também sofrem as consequências do envolvimento com o fenômeno e esta revisão colocou o foco em pesquisas que abordam as características desses estudantes, fazendo um recorte sobre as diferenças observadas entre os sexos para entender a questão em suas nuances. A conjugação dos resultados das pesquisas revisadas revelou que meninos e meninas identificados(as) como agressores(as) empreendem formas diferentes de agressão, mas percebem o ambiente escolar e o clima familiar como negativos. Os meninos são, em termos de prevalência absoluta, aqueles que mais praticam *bullying*, mas é preciso interpretar essa informação com cautela, pois os dados revisados podem significar maior facilidade dos meninos de assumir as agressões praticadas, até mesmo para se vangloriarem perante os pares, aumentando seu “prestígio” social. Também se verificou que variáveis familiares podem ser fatores de risco para comportamentos emitidos pelos estudantes nas escolas. Assim, a contribuição original desta revisão reside no mapeamento de evidências sobre as características que diferenciam meninos e meninas que praticam *bullying*.

Salvaguardados os pontos fortes deste estudo, salienta-se que seus resultados devem ser interpretados à luz de algumas limitações. Primeiramente, a análise da qualidade metodológica dos produtos revisados revelou que, em sua maioria, as pesquisas apresentaram moderado risco de viés e qualidade metodológica. Em segundo lugar, entende-se que não foi possível contemplar toda a produção científica sobre o tema e que, na leitura de títulos/resumos (primeira etapa de seleção do *corpus*), estudos que não explicitavam características dos estudantes agressores podem ter sido excluídos. Nem todos os estudos revisados objetivavam demonstrar diferenças entre os sexos no que se refere à prática do *bullying* ou apresentar características de perfil desses estudantes. Por fim, nesta revisão, não foram controladas as diferentes identidades de gênero, sendo as análises feitas apenas a partir do sexo biológico declarado pelos participantes nos estudos primários.

Uma das implicações para as pesquisas futuras é a recomendação de que elas se direcionem especificamente para identificar as diferenças entre sexos na prática do *bullying*. Também devem ser estimuladas pesquisas qualitativas, que possam auxiliar no processo de compreensão do fenômeno e suas complexidades na perspectiva das vivências de meninos e meninas identificados(as) como agressores(as). Além disso, modelos longitudinais de investigações podem auxiliar na compreensão ampliada sobre diferenças ou semelhanças entre os sexos na prática do *bullying*, bem como o impacto de mudanças nas famílias na emissão desse tipo de comportamento nas escolas. Esta revisão também pode ser considerada um ponto de partida para subsidiar programas de intervenção *antibullying* voltados para os agressores, contemplando as diferenças relacionadas ao sexo, que parecem modular o tipo de envolvimento dos estudantes com o fenômeno.

Referências

- Aguiar, L. G. F., & Barrera, S. D. (2017). Manifestações de bullying em diferentes contextos escolares: Um estudo exploratório. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(3), 669–682. <https://doi.org/10.1590/1982-3703002922016>
- Akanni, O. O., Olashore, A. A., Osasona, S. O., & Uwadiae, E. (2020). Predictors of bullying reported by perpetrators in a sample of senior school students in Benin City, Nigeria. *South African Journal of Psychiatry*, 26, 1–8. <http://dx.doi.org/10.4102/sajpsy psychiatry.v26io.1359>
- Bjärehed, M., Thornberg, R., Wänström, L., & Gini, G. (2020). Mechanisms of moral disengagement and their associations with indirect bullying, direct bullying, and pro-aggressive bystander behavior. *The Journal of Early Adolescence*, 40(1), 28–55. <https://doi.org/10.1177/0272431618824745>
- Bosa, M. R., Bohórquez, M. C. C., Olarte, C. F. P., & Malaver, J. K. S. (2018). Diferencias por sexo en la intimidación escolar y la resiliencia en adolescentes. *Psicología Escolar e Educacional*, 22(3), 519–526. <https://doi.org/10.1590/2175-35392018039914>
- Cabral, J. C. C., Corrêa, M. A., Neves, V. T., Garcia-Dias, A. C., & Almeida, R. M. M. (2020). Do otimismo à agressão: cognições positivas preveem comportamento violento em homens. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 38(1), 203–217. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6853>
- Dervishi, E., Lala, M., & Ibrahim, S. (2019). School bullying and symptoms of depression. *Archives of Psychiatry and Psychotherapy*, 21(2), 48–55. <https://doi.org/10.12740/APP/103658>
- Dias, D., Rocha, M., & Mota, C. P. (2019). Bullying em adolescentes do 3º ciclo: Papel da vinculação aos pares no comportamento do agressor e da vítima. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 120, 79–104. <https://doi.org/10.4000/rccs.9570>
- Donoghue, C., & Raia-Hawrylak, A. (2016). Moving beyond the emphasis on bullying: A generalized approach to peer aggression in high school. *Children & Schools*, 38(1), 30–39. <https://doi.org/10.1093/cs/cdv042>
- Espinosa, L. M. C., Martínez, M. V., & Tarrés, A. P. (2021). Situación del bullying en España: leyes, prevención y atención. *Revista Olhares*, 9, 5–20. <https://doi.org/10.34024/olhares.2021.v9.10622>
- Estévez, E., Jiménez, T. I., & Moreno, D. (2018). Aggressive behavior in adolescence as a predictor of personal, family, and school adjustment problems. *Psicothema*, 30(1), 66–73. <https://doi.org/10.7334/psicothema2016.294>
- Fernández, C. M. G., Félix, E. M. R., & Ortega Ruiz, R. (2015). Explicative factors of face-to-face harassment and cyberbullying in a sample of primary students. *Psicothema*, 27(4), 347–353. <https://doi.org/10.7334/psicothema2015.35>
- Garbin, C. A. S., Gatto, R. C. J. & Garbin, A. J. I. (2016). Prevalência de bullying em uma amostra representativa de adolescentes brasileiros. *Archives of Health Investigation*, 5(5), 256–261. <https://doi.org/10.21270/archi.v5i5.1701>
- Garcés-Pretzel, M., Santoya-Montes, Y., & Jiménez-Osorio, J. (2020). Influencia de la comunicación familiar y pedagógica en la violencia escolar. *Comuniar*, 28(63), 77–86. <https://doi.org/10.3916/C63-2020-07>
- González, B. M. (2017). Práticas de criação e assédio escolar: Descrição em alumnado de educação básica. *Innovación Educativa*, 17(74), 125–141. <http://www.scielo.org.mx/pdf/ie/v17n74/1665-2673-ie-17-74-00125.pdf>
- Guy, A., Lee, K., & Wolke, D. (2019). Comparisons between adolescent bullies, victims, and bully-victims on perceived popularity, social impact, and social preference. *Frontiers in Psychiatry*, 10, 868–868. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2019.00868>
- Hultin, H., Ferrer-Wreder, L., Engström, K., Andersson, F., & Galanti, M. R. (2021). The importance of pedagogical and social school climate to bullying: A cross-sectional multilevel study of 94 Swedish schools. *The Journal of School Health*, 91(2), 111–124. <https://doi.org/10.1111/josh.12980>
- Kretschmer, T., Veenstra, R., Deković, M., & Oldehinkel, A. J. (2017). Bullying development across adolescence, its antecedents, outcomes, and gender-specific patterns. *Development and Psychopathology*, 29(3), 941–955. <https://doi.org/10.1017/S0954579416000596>

- León-del-Barco, B., Felipe-Castaño, E., Polo-del-Río, M. I., & Fajardo-Bullón, F. (2015). Aceptación-Rechazo parental y perfiles de victimización y agresión en situaciones de bullying. *Anales de Psicología*, 31(2), 600–606. <https://dx.doi.org/10.6018/analesps.31.2.156391>
- Limber, S., Breivik, K., & Smith, P. K. (2021). Dan Olweus (1931–2020). *International Journal of Bullying Prevention*. <https://doi.org/10.1007/s42380-021-00096-5>
- Marcolino, E. C., Calvacanti, A. L., Padilha, W. W. N., Miranda, F. A. N., & Clementino, F. S. (2018). Bullying: Prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto Contexto Enfermagem*, 27(1), e5500016. <https://doi.org/10.1590/0104-07072018005500016>
- Machimbarrena, J. M., & Garaigordobil, M. (2018). Bullying y cyberbullying: Diferenciales en función del sexo en estudiantes de quinto y sexto curso de educación primaria. *Suma Psicológica*, 25(2), 102–112. <https://doi.org/10.14349/sumapsi.2018.v25.n2.2>
- Malta, D. C., Oliveira, W. A., Prates, E., Mello, F., Moutinho, C., & Silva, M. (2022). Bullying among Brazilian adolescents: evidence from the National Survey of School Health, Brazil, 2015 and 2019. *Revista latino-americana de enfermagem*, 30(spe), e3679. <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6278.3679>
- Martínez-Martínez, A., Castro-Sánchez, M., Rodríguez-Fernández, S., Zurita-Ortega, F., Chacón-Cuberos, R., & Espejo-Garcés, T. (2018). Violent behaviour, victimization, self-esteem and physical activity of Spanish adolescents according to place of residence: a structural equation model. *Revista de Psicología Social*, 33(1), 111–141. <https://doi.org/10.1080/02134748.2017.1385242>
- Monteiro, R. P., Medeiros, E. D., Pimentel, C. E., Soares, A. K. S., Medeiros, H. A., & Gouveia, V. V. (2017). Valores humanos e bullying: Idade e sexo moderam essa relação? *Temas em Psicologia*, 25(3), 1317–1328. <https://doi.org/10.9788/TP2017.3-18Pt>
- Moola, S., Munn, Z., Tufanaru, C., Aromataris, E., Sears, K. . . . Um, P-F. (2017). Systematic reviews of etiology and risk. In E. Aromataris, & Z. Munn (Editors), *Joanna Briggs Institute reviewer's manual* (chapter 7). Londres: The Joanna Briggs Institute. <https://reviewersmanual.joannabriggs.org/>
- Olweus, D. (2013). School bullying: development and some important challenges. *Annual Review of Clinical Psychology*, 9(1), 751–780. <https://doi.org/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura [UNESCO] (2019). *Violência escolar e bullying: Relatório sobre a situação mundial*. Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000368092>
- Queirós, A. N., & Vagos, P. (2016). Measures of aggression and victimization in Portuguese adolescents: Cross-cultural validation of the revised peer experience questionnaire. *Psychological Assessment*, 28(10), 141–151. <https://doi.org/10.1037/pas0000363>
- Reisen, A., Viana, M. C., & Santos-Neto, E. T. D. (2019). Bullying among adolescents: Are the victims also perpetrators? *Brazilian Journal of Psychiatry*, 41(6), 518–529. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2018-0246>
- Romera, E. M., Bravo, A., Ortega-Ruiz, R., & Veenstra, R. (2019a). Differences in perceived popularity and social preference between bullying roles and class norms. *Plos One*, 14(10), e0223499. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0223499>
- Romera, E. M., Ortega-Ruiz, R., Rodríguez-Barbero, S., & Falla, D. (2019b). How do you think the victims of bullying feel? A study of moral emotions in primary school. *Frontiers in Psychology*, 10, 1753. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01753>
- Rosário, A. C., Candeias, A., & Melo, M. (2017). Violência entre pares na adolescência: Um estudo com estudantes no início e no final do 3º ciclo do ensino básico. *Psicologia*, 31(2), 57–68. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v31i2.115>
- Rose, C. A., Nickerson, A. B., & Stormont, M. (2015). Advancing bullying research from a social-ecological lens: An introduction to the special issue. *School Psychology Review*, 44(4), 339–352. <https://doi.org/10.17105/15-0134.1>
- Sampaio, J. M. C., Santos, G. V., Oliveira, W. A., Silva, J. L., Medeiros, M., & Silva, M. A. I. (2015). Emotions of students involved in cases of bullying. *Texto & Contexto Enfermagem*, 24(2), 344–352. <https://doi.org/10.1590/0104-07072015003430013>

- Serra-Negra, J. M., Paiva, S. M., Bendo, C. B., Fulgêncio, L. B., Lage, C. F., Corrêa-Faria, P., & Pordeus, I. A. (2015). Verbal school bullying and life satisfaction among Brazilian adolescents: Profiles of the aggressor and the victim. *Comprehensive Psychiatry*, *57*, 132–139. <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2014.11.004>
- Shahrouh, G., Dardas, L. A., Al-Khayat, A., & Al-Qasem, A. (2020). Prevalence, correlates, and experiences of school bullying among adolescents: A national study in Jordan. *School Psychology International*, *41*(5), 430–453. <https://doi.org/10.1177/0143034320943923>
- Silva, C. S. & Costa, B. L. D. (2016). Opressão nas escolas: O bullying entre estudantes do ensino básico. *Cadernos de Pesquisa*, *46*(161), 638–663. <https://doi.org/10.1590/198053143888>
- Silva, D., Tavares, E., Silva, E., Duarte, J., Cabral, L., & Martins, C. (2017). Vítimas e agressores: manifestações de bullying em alunos do 6º ao 9º ano de escolaridade. *Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental*, (Spe. 5), 57–62. <http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0168>
- Silva, J. L., Oliveira, W. A., Bono, E. L., Dib, M. A., Bazon, M. R., & Silva, M. A. I. (2016). Associações entre bullying escolar e conduta infracional: Revisão sistemática de estudos longitudinais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *32*(1), 81–90. <https://doi.org/10.1590/0102-37722016012241081090>
- Silva, J. L., Oliveira, W. A., Mello, F. C. M., Prado, R. R., Silva, M. A. I., & Malta, D. C. (2019). Prevalência da prática de bullying referida por estudantes brasileiros: Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar, 2015. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, *28*(2), e2018178. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742019000200005>
- Silva, M. A. I., Pereira, B., Mendonça, D., Nunes, B., & Oliveira, W. A. (2013). The involvement of girls and boys with bullying: An analysis of gender differences. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *10*(12), 6820–6831. <https://doi.org/10.3390/ijerph10126820>
- Silva, R. N., Brandão, M. A. G., & Ferreira, M. A. (2020). Integrative review as a method to generate or to test nursing theory. *Nursing Science Quarterly*, *33*(3), 258–263. <https://doi.org/10.1177/0894318420920602>
- Silva-Rocha, N., Soares, S., Brochado, S., & Fraga, S. (2019). Bullying involvement, family background, school life, and well-being feelings among adolescents. *Journal of Public Health*, *28*, 481–489. <https://doi.org/10.1007/s10389-019-01076-2>
- Umoke, P. C. I., Umoke, M., Ugwuanyi, C. S., Okeke, C. I. O., Eseadi, C., Onuorah, A. R., . . . & Otu, M. S. (2020). Bullying experience of pupils in Nigerian primary schools. *Medicine*, *99*(39), e22409. <http://dx.doi.org/10.1097/MD.00000000000022409>
- Vega López, M. G., & González Pérez, G. J. (2016). Bullying en la escuela secundaria. Factores que disuaden o refuerzan el comportamiento agresor de los adolescentes. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, *21*, 1165–1189. <http://www.scielo.org.mx/pdf/rmie/v21n71/1405-6666-rmie-21-71-01165.pdf>
- Zequinão, M. A., Medeiros, P., Pereira, B., & Cardoso, F. L. (2016). Bullying escolar: Um fenômeno multifacetado. *Educação e Pesquisa*, *42*(1), 181–198. <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201603183354>
- Zequinão, M. A., Medeiros, P. de, Silva, J. L., Pereira, B. O., & Cardoso, F. L. (2020). Sociometric status of participants involved in school bullying. *Paidéia*, *30*, e3011. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3011>

EQUIPE EDITORIAL**Editora-chefe**

Cristiane Silvestre de Paula

Editores associados

Alessandra Gotuzo Seabra

Ana Alexandra Caldas Osório

Luiz Renato Rodrigues Carreiro

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Editores de seção**“Avaliação Psicológica”**

Alexandre Luiz de Oliveira Serpa

André Luiz de Carvalho Braule Pinto

Vera Lúcia Esteves Mateus

Juliana Borges Sbicigo

“Psicologia e Educação”

Alessandra Gotuzo Seabra

Carlo Schmidt

Regina Basso Zanon

“Psicologia Social e Saúde das Populações”

Enzo Banti Bissoli

Marina Xavier Carpena

Daniel Boianovsky Kveller

“Psicologia Clínica”

Carolina Andrea Ziebold Jorquera

Julia Garcia Durand

Natalia Becker

“Desenvolvimento Humano”

Maria Cristina Triguero Veloz Teixeira

Rosane Lowenthal

Suporte técnico

Camila Fragoso Ribeiro

Giovanna Joly Manssur

Giovana Gatto Nogueira

PRODUÇÃO EDITORIAL**Coordenação editorial**

Surane Chilianí Vellenich

Estagiário editorial

Élcio Marcos de Carvalho Júnior

Isabela Franco Rodrigues

Victória Andrade Rocha

Preparação de originais

Mônica de Aguiar Rocha

Revisão

Vera Ayres

Diagramação

Acqua Estúdio Gráfico